

O CORPO COMO MARCADOR SOCIAL SAÚDE, BELEZA E VALORAÇÃO DE CUIDADOS CORPORAIS DE JOVENS MULHERES

Ms. JOSÉ GERALDO SOARES DAMICO

Mestre em educação. Professor adjunto do curso de
educação física da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) – Canoas/RS
E-mail: zdamico@yahoo.com.br

Dra. DAGMAR ESTERMANN MEYER

Doutora em educação. Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora com bolsa de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e integrante do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (www.geerge.net) na mesma instituição.
E-mail: esterman.ez@brturbo.com

RESUMO

O artigo é parte de uma dissertação de mestrado que discutiu alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apre(e)ndem e vivenciam, contemporaneamente, o cuidado com o corpo. Inscreve-se nos campos dos estudos de gênero e da sociologia da saúde, nas vertentes que têm proposto aproximações críticas com a perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault. Utiliza a abordagem metodológica da análise de discurso para examinar discussões travadas por 18 jovens de 13 a 15 anos, alunas de uma escola pública no Rio Grande do Sul, que integraram grupos focais cujas reuniões se desenvolveram durante dois meses em 2004. Das análises que resultaram desse corpus de investigação focaliza-se, aqui, um movimento que permite ressignificar o corpo como um potente marcador social da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e saúde; cultura; corpo; gênero; juventude.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma dissertação em que discutimos alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apre(e)ndem e vivenciam, contemporaneamente, o cuidado com o corpo¹. Tomando como referência os estudos de gênero, os estudos culturais e a sociologia da saúde, especificamente aquelas vertentes que têm proposto uma aproximação crítica com a perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault, examinamos “textos” que resultam de discussões realizadas com 18 jovens entre 13 e 15 anos, alunas da 8ª série do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP-UFRGS). Essas discussões foram conduzidas em seis reuniões de dois grupos focais realizadas em 2004, as quais foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise. As falas das jovens foram exploradas tomando como base os conceitos de cultura, discurso, gênero e poder, com o propósito de problematizar os diferentes modos pelos quais o cuidado com o corpo é significado, apre(e)ndido e vivido nesse contexto.

Neste artigo focalizamos particularmente um movimento que nos permite “re-conhecer” e “re-significar” o corpo como um potente marcador social da contemporaneidade. Argumentamos que esse movimento está produzindo um deslocamento em que o corpo, já tematizado como território de inscrição de identidades como gênero, classe, raça/etnia, por exemplo, passa a funcionar – ele mesmo – como operador de sistemas de classificação e hierarquização social, na medida em que atributos como a forma física e a aparência que ela revela são elevados a critérios que posicionam e valoram, diferentemente, estilos de vida e sujeitos na cultura contemporânea. Para tanto, começaremos por situar, brevemente, alguns pressupostos e conceitos do referencial teórico-metodológico que sustenta a discussão aqui realizada. Em seguida, apresentamos e discutimos diferentes práticas de cuidado corporal que as jovens-mulheres participantes realizam e nas quais delimitamos o movimento sugerido para, então, apontar algumas das contribuições de um estudo com esse enfoque para a compreensão de relações que se estabelecem entre cultura, corpo e juventude nestes tempos e contextos em que nos movimentamos.

¹ Dissertação de mestrado de José Damico, intitulada “*Quantas calorias eu preciso [gostar] para emagrecer com saúde?*” *Como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo*. Orientada por Dagmar Estermann Meyer e co-orientada por Dora L. de Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – linha de pesquisa Educação, sexualidade e relações de gênero. Defesa pública realizada em janeiro de 2005.

Como apontam diferentes estudos e autores (SANT'ANNA, 2001; FRAGA, 2002; SILVA, 2001), vivemos um tempo em que meios de comunicação de massa como revistas, jornais e programas de televisão produzem e veiculam toda uma discursividade sobre e para o corpo, contemplando, entre outras coisas, modos de vestir, comer, exercitar-se, maquiarse ou divertir-se. Todas essas práticas corporais constituem um conjunto de relações de saber-poder que produz nossas múltiplas formas de ser e de estar no mundo.

Essa visibilidade que o espaço social empresta ao corpo não é nova; mas ela parece traduzir-se como um imperativo cada vez mais exigente, principalmente em relação às mulheres – e às mulheres jovens, em especial. Esse imperativo justifica intervenções que devem ou podem ser realizadas para a aquisição e/ou manutenção de um corpo jovem para as mulheres adultas ou, ainda, para que corpos de crianças se tornem rapidamente jovens e atraentes, e isso torna necessário investimentos massivos no corpo.

No contexto dessa visibilidade é possível perceber que as mulheres jovens têm sido posicionadas como personagens centrais desses investimentos, hoje genericamente definidos como “culto ao corpo”. Tal posição tem sido demarcada com argumentos que descrevem as jovens (e a relação que estas estabelecem com seus corpos) como belas e sedutoras e, ao mesmo tempo, irresponsáveis, emocionalmente problemáticas e personagens principais de condutas e situações de risco, tais como gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis (DST), drogas, desordens alimentares e sedentarismo.

Esse estatuto de ameaça a si mesmas e aos outros, atribuído às mulheres jovens, é evidenciado por muitos discursos médicos, psicológicos e educacionais; ele parece fazer eco aos discursos que colocam a adolescência como uma etapa da vida vivida do mesmo modo por todos que seria naturalmente conturbada e que se caracterizaria pela contestação em relação às demandas das gerações mais velhas, entre outras apreciações.

Em oposição a essa perspectiva, definir juventude em termos socioculturais implica pensar que ela “não é mais que uma palavra, uma categoria construída” e que “as categorias são produtivas, realizam coisas, são simultaneamente produtos de acordos sociais e produtoras do mundo” (REGUILLO, 2003, p. 106).

No âmbito dessa discursividade, práticas contemporâneas de modelagem e modificação dos corpos assumem centralidade. Miriam Adelman (2003), com base em um estudo da historiadora norte-americana Joan Brumberg, que analisou cem anos de diários de jovens mulheres, argumenta, em relação a isso que:

As meninas de outras épocas escreviam principalmente sobre os desafios do amadurecimento do caráter; hoje em dia, a preocupação central gira em torno da aparência física e da apresentação do corpo para os outros. Para essas meninas, a auto-estima parece depender muito mais do tamanho do nariz, da cintura ou das pernas do que da maneira que desenvolvem capacidades de relacionamento com o mundo (ADELMAN, 2003, p. 451).

Nesses processos que investem sobre o corpo jovem, noções sobre saúde, bem-estar, alimentação adequada e beleza são constantemente renovadas e rearticuladas, instituindo formas de cuidado com significações distintas de prazer, de contenção, de resistência, de feminilidade e de masculinidade. Determinadas práticas corporais passam a ser objeto de uma atenção constante a partir da qual se aposta, por exemplo, que o cuidado com uma alimentação tida como equilibrada resultaria em uma aparência mais saudável e que exercícios físicos orientados seriam determinantes para uma saúde perfeita.

É nesse sentido que assumimos, aqui, o pressuposto de que o corpo é um “construto sociocultural e lingüístico, produto e efeito das relações de poder” (MEYER; SOARES, 2003, p. 26) e, a partir dele, rejeitamos, em nossa análise, noções essencialistas e universais de corpo e de gênero para apostar na multiplicidade e na conflituosidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos masculinos e femininos, inscrevendo-os, também, em diferentes etapas do ciclo vital.

Assim, os discursos da promoção da saúde, articulados a uma série de outros discursos como o publicitário, o familiar, o educacional e o do senso comum, parecem estar produzindo condições para que os jovens de nosso tempo possam pensar, viver e falar, de determinados modos, sobre as relações que estabelecem com seu corpo. Isso não quer dizer que quaisquer desses discursos sejam causas em si do culto contemporâneo ao corpo, mas que é neles que se constituem condições de possibilidades para que as jovens sejam posicionadas – e se posicionem – como mais próximas ou mais distantes das normas de beleza e saúde socialmente sancionadas.

Partindo desses argumentos, discutimos a emergência do corpo como um poderoso marcador social contemporâneo; entendemos que ele, crescentemente, vem-se tornando “uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar [distinções] através de grandes varreduras da história humana, mas sempre presente como elemento potencialmente importante” para que essas distinções sejam produzidas, permaneçam atuantes e/ou sejam modificadas em qualquer sociedade (NICHOLSON, 2000, p. 14). Assumimos que, na cultura contemporânea, “os diferentes grupos sociais se distinguem uns dos outros não só pela posse de bens materiais, mas pelas suas formas corporais, pela sua conduta e modo de expressar-se” (LUPTON, 2000, p. 22).

É com esse olhar que discutimos, aqui, determinadas práticas corporais que as jovens desenvolvem para cuidar do corpo, entendendo-as como práticas informadas por, e sintonizadas com, regras de normalidade socialmente instituídas e legitimadas no interior das quais o corpo emerge como território e, ao mesmo tempo, como um potente operador de diferenciações: ele é entendido e vivido tanto como o *lugar* de inscrição da identidade e da diferença quanto como *referência* de sistemas de classificação e hierarquização social os quais permitirão que “o sujeito seja reconhecido como pertencente a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo: que possa (ou não) usufruir de direitos (...) que seja, em síntese, aprovado, tolerado, rejeitado” (LOURO, 2004, p. 83-84).

Considerando-se, pois, a centralidade do corpo feminino jovem na cultura contemporânea, buscamos mapear como poderes e saberes interferem continuamente nos processos de subjetivação, processos que podem ser descritos como a problematização de determinadas crenças e valores. Nesse processo, as jovens participantes investigadas apreendem a pertinência de seus modos de pensar e agir diante de um conjunto de normas, regras e cuidados necessários para um aperfeiçoamento de seu corpo e de seu modo de vida.

CORPOS MARCADOS, CORPOS QUE MARCAM, CORPOS “MARCA”... O QUE NOS DIZEM AS JOVENS

Na maioria das sociedades contemporâneas ocidentais, a forma física e a aparência que ela revela funcionam como marcas sociais importantes na classificação e hierarquização dos estilos de vida, bem como de ascensão social e afetiva. De muitos e diferentes modos as jovens participantes da pesquisa falam disso: do sonho de estar no lugar certo, na hora certa, de fazer a coisa certa, de ser uma menina direita; de estar, enfim, de algum modo, em alguma situação, em algum tipo de norma. Elas falam também da possibilidade, apresentada pelas mídias e por outras grandes corporações, de tornar o corpo um grande projeto em constante transformação – que “nunca vai terminar”.

Justamente o fato de as jovens serem subjetivadas por tais discursos é que permite perceber o corpo jovem como possibilidade de inscrições provisórias, instáveis e contingentes. As instâncias dessas aprendizagens podem ser variadas, como as artes femininas – passadas de geração em geração –, os ensinamentos no âmbito familiar, as conversas e críticas com amigas da escola, as diferentes matérias na escola, a publicidade e a mídia em geral.

As análises que realizaremos a seguir não seguem um único eixo argumentativo; procuramos realizar pequenas torções ou variações, desde aquelas que permitem ver as práticas corporais que as jovens privilegiam quando cuidam de seu próprio corpo a fim de aperfeiçoarem-se e produzirem a si mesmas, ou aquelas que visibilizem como as jovens se relacionam com os membros de sua família.

Assim, ao operar metodologicamente com a análise de discurso de “inspiração foucaultiana”, buscamos trabalhar as falas, decompô-las, multiplicar os sentidos que elas podem conter, bem como localizar os rastros ou as marcas dos discursos que se articulam para torná-las possíveis.

O CORPO COMO PROJETO FAMILIAR

As jovens foram questionadas sobre as principais críticas que recebem nas suas casas relativamente ao corpo; destacamos aqui a fala de uma delas, a qual consideramos importante para pensar o modo como as opiniões do pai instituem modos de ser mulher e jovem.

Kátia – O meu pai pega muito no meu pé em relação à maquiagem. Ele diz que as mulheres têm uma natureza, se a menina já é bonita, então ela não precisa de maquiagem. Pode ser que use um batom, um lápis, uma coisa para realçar, mas não que a mulher necessite de um batom nos lábios, porque ela fica muito mais bonita sendo natural, ainda mais que eu sou nova assim. Apesar que ele vivia me dando, quando eu era pequena, aqueles batonzinhos, aquelas coisinhas para brincar de passar nos olhos: azul e verde. Eu adorava aquilo, só que ele sempre diz assim: “cuida bastante do teu rosto, do teu corpo, porque ele [o rosto] sem maquiagem é muito mais bonito do que tu cheia de pó, cheia de lápis, cheia de não sei o quê”. Beleza feminina é muito bonita para ser, como ele fala, rabiscada.

A jovem conta o modo como seu pai procura transmitir o uso correto da maquiagem (ou o correto da beleza, que seria sem maquiagem). A expressão “pegar no pé” parece referir-se à insistência, à repetição. Na função educativa, opera buscando fixar a informação. Quando o pai afirma que “as mulheres já têm uma natureza”, constitui o argumento mais forte e decisivo no sentido de convencer a garota a não fazer uso da maquiagem ou não a utilizar inadequadamente. Aqui, o que está em jogo é o modo como cabe a cada um, pai ou mãe, dizer/fazer para educar a filha no correto exercício de paternidade/maternidade. As oposições binárias que estão em operação no excerto anterior como natural/artificial, menina/mulher, beleza/feiúra e medida certa/medida errada tentam fixar e fazer crer que um dos pólos funciona como referência, o padrão a partir do qual o outro será definido, em que um dos termos é colocado como hierarquicamente superior e supostamente homogêneo.

Trata-se aqui de demonstrar que os termos presentes nas oposições binárias não são constituídos *a priori*, mas que se consolidam em relações de poder que operam por meio daquelas, a fim de classificar, discriminar e hierarquizar os sujeitos e as práticas sociais.

O argumento que o pai utiliza, no dizer da jovem, para que não faça uso da maquiagem – ela já é bonita por natureza – encontra eco, sendo reproduzido em uma série de discursos que buscam constituir os indivíduos a partir de determinadas características físicas. Além disso, tal argumento evoca aspectos ligados a questões de personalidade e comportamentos que seriam pertinentes a cada um dos sexos de acordo com uma suposta essência, como a virilidade e a força nos homens e a delicadeza, a graça e a fragilidade nas mulheres.

O pai da jovem diz que, caso ela ainda queira fazer uso de algum artifício, que seja “só para realçar” sua beleza natural. Tal posição segue a idéia anterior de que as mulheres, mesmo não precisando intervir na natureza de sua beleza física, necessitam fazê-lo, ou seja, novamente sua suposta “natureza feminina” impõe-lhes tal vontade, o que os homens aceitam, mas não compreendem.

As recomendações desse pai buscam fixar limites precisos. No entanto, a cultura borra esses limites todo o tempo: destaca a importância da beleza natural e, ao mesmo tempo, enfatiza que essa natureza é resultado de trabalho e investimentos corporais contínuos. As mulheres jovens não precisariam de nenhuma artificialidade que estragasse ou maculasse a beleza e pureza que a natureza proporciona e que o tempo ainda não deteriorou. Às garotas feias, talvez fosse facultado o direito de maquiarse, desde que com o objetivo de corrigir ou atenuar os defeitos que, porventura, ou melhor, por desventura, pudessem ter. Trata-se da constituição de um modo de ser bela, ora por ter nascido assim ou por esforçar-se para isso.

A jovem, ao recordar a insistência do pai atualmente para que ela não perca uma dada naturalidade de sua essência feminina, lembra e parece estranhar que, quando era criança, recebia dele brinquedos que tinham por função imitar a maquiagem adulta. É interessante pensar que, nesse caso, a maquiagem assume diferentes funções. Enquanto brinquedo infantil pode ser oferecido de presente pelo pai para assegurar uma feminilidade e uma vaidade que seriam atributos importantes para a futura mulher.

As brincadeiras de maquiagem parecem estar ligadas ao desenvolvimento de um gosto pelas coisas do “universo feminino”. Mas, para isso, é preciso que as mulheres, mesmo as menores, possam ir treinando e desenvolvendo suas habilidades em usar a maquiagem. Esse usar refere-se a não borrar, fazer os contornos do rosto, incluindo os lábios e olhos, com precisão, e não exagerar na quantidade.

Essas são qualidades que, em muitos espaços, são valorizadas e até mesmo incentivadas, como quando as mulheres nos automóveis, em pleno trânsito, conseguem passar o batom com precisão, ou nos programas de TV voltados para o público feminino que ensinam os modos corretos de utilização da maquiagem. No entanto, essas mesmas atitudes que são valorizadas, em alguns momentos, como atributos de sensualidade e apreço, por exemplo, podem ser tratadas, também, em outros, como futilidade, inutilidade ou desperdício de tempo.

A questão que aqui parece se colocar é a de que a maquiagem, como brinquedo, se configura como uma das vias de acesso às aprendizagens de uma feminilidade desejada e, portanto, normativa. No entanto, quando a maquiagem passa, no caso das mulheres jovens, a ser instrumento de constituição de idade adulta por meio da sensualidade ou do aperfeiçoamento da beleza, recebe novas regras e prescrições que devem ser bem apreendidas.

As ressalvas por parte da função pedagógica exercida pelo pai parecem estar vinculadas ao receio de excessos que pudessem transformar a jovem em uma pessoa que valorizasse demais a artificialidade ou a sedução representada por um uso exagerado da pintura no rosto demonstrada pelas expressões “cheias” e “rabiscadas”.

Podemos sintetizar a discussão realizada de modo que pensemos que as posições de sujeito que a jovem participante ocupa na sua relação com a maquiagem (que funciona aqui como uma ferramenta que institui marcas), enquanto instância lúdica, serve para as meninas como uma via de aprendizagem importante para a conformação de uma dada feminilidade heterossexual; que ao se aproximar da idade adulta o maquiarse deixa de ser um instrumento estritamente pedagógico para transformar-se, quando utilizado na quantidade correta ou na medida certa, em elemento de atratividade e de ascensão social; a maquiagem também funciona como um artefato de correção para pequenos “defeitos” ou para realçar determinadas características físicas; o uso inadequado da maquiagem pode significar, dependendo do espaço de circulação, despreparo, falta de esmero e sensualidade descontrolada. Em suma a preocupação demonstrada pela jovem ganha sentido, não na diferença qualitativa entre as práticas de cuidado com o corpo que por ventura ela pudesse adotar, mas na intensidade com que ela se entrega à busca de pertencimento e aceitação. Assim, podemos compreender os cuidados e as preocupações das jovens com o corpo e esse configurando-se como um marcador social eficiente. E, desse modo, as práticas sociais, no interior das famílias, permitem que as jovens possam explicar alguns dos sentidos de suas experiências no mundo.

Na próxima seção analisamos o modo como as jovens se percebem, se criticam e observam a si mesmas e, a partir disso, nomeiam a força de vontade como sendo a principal estratégia para alterar suas condutas corporais.

É nas fissuras entre os diferentes discursos que a área da promoção da saúde tem reunido condições e encontrado as brechas para penetrar nos indivíduos e difundir a noção correta do manejo do corpo, apontando aqueles que se têm desviado do caminho no cuidado que devem ter consigo. Esses grupos têm sido nomeados pelas políticas de promoção da saúde como sedentários.

As jovens participantes disseram como procederiam caso quisessem alterar suas condutas. Elas falaram assim:

Flávia – Eu acho que depende da força de vontade. Se é uma coisa que tu queres, eu acho que consegues. Mas se tiveres uma maçã e um salgado do lado, tu vais preferir o salgado! Depende da pessoa... Se ela pensa: "eu não vou engordar, porque eu vou conseguir"... é muita força de vontade.

Kátia – Eu acho que elas não conseguem comer menos ou comer coisas saudáveis. Então, elas resolvem parar de comer. Dá a entender, que elas não vão conseguir comer direito, coisas saudáveis, não vão agüentar por muito tempo. Tem outras coisas... Chega na cantina da escola, vê um monte de salgado, um monte de porcaria... "eu não vou conseguir", aí, traz uma fruta. Aí, pensa: "ao invés da fruta, eu vou comer um salgado, acho que eu vou comer um salgado".

Ana Paula – Eu acho que vem o negócio de perseverança também, ter em mente um objetivo, ter perseverança mesmo.

No primeiro depoimento, Flávia diz que a força de vontade funciona como uma mediação entre duas escolhas: a maçã representando a fruta, o saudável, enquanto o salgado corresponde ao engordante, ao não-saudável. Segundo a jovem, na maioria das vezes a escolha recai sobre o salgado, que parece estar conectado ao prazer que um alimento pode proporcionar, enquanto a fruta parece significar uma escolha ligada a uma obrigação. Assim, a jovem indica a força de vontade como sendo necessária para resistir ao salgado e preferir comer a fruta.

Já no segundo fragmento, Kátia define as escolhas entre os salgados e as frutas como uma luta que pode ser travada em termos de deixar de comer como uma estratégia para lidar com as tentações que os salgados representam. Para Flávia, o salgado parece sempre levar a melhor nas preferências das jovens.

É interessante como, nas grandes cidades, determinados alimentos, principalmente entre as crianças e os jovens, foram adquirindo sentidos diferentes de outras épocas. O caso da fruta parece bastante emblemático. Em lembranças de gerações anteriores, comer frutas frescas e saborosas, roubar uvas na parreira do vizinho, comer melancia até ter dor de barriga eram prazeres ilimitados; os salgados prontos eram restritos a festas de aniversário e casamento.

Assim os indivíduos estão colocados em uma “dupla sujeição” na qual eles se movem entre o consumo e o ascetismo, entre o princípio da performance e o deixar-se levar. Neste contexto as exigências em relação à saúde são assumidas em alguns momentos e rejeitadas em outros em um contínuo ciclo de controle e liberação (LUPTON, 2000, p. 28).

Ana Paula afirma e reafirma a importância que tem o ato de “perseverar” para se cuidar. Essa expressão conecta-se a outras que, no imaginário popular, foram formando ditos que enaltecem o valor positivo de insistir, manter, prosseguir, continuar com o objetivo. Assim que temos, por exemplo, a frase “quem persevera sempre alcança”.

A força de vontade liga-se aos conceitos de autocontrole, autonegação e autodisciplina, formando um conjunto cujos componentes são fundamentais para constituir a noção de saúde. Sendo assim, a adesão aos discursos que difundem o corpo magro como sinônimo de corpo saudável opera de modo que moralize as suas próprias condutas e a conduta dos outros.

Um atributo mental que ganha *status* no trabalho de cuidar do corpo é a vontade, que é definida a partir de julgamentos adjetivados na linguagem da educação física e da física (mecânica) como atributos das qualidades físicas. Força, tenacidade (de tensão), constância (resistência) e fraqueza (debilidade), todas essas qualidades parecem estar ligadas à vontade para efetivar as alterações corporais necessárias prescritas nas dietas ou nos exercícios físicos (ORTEGA, 2002). Com relação a engordar e a emagrecer, a alimentar-se ou deixar de alimentar-se, a tornar-se saudável ou doente, belo ou não-belo, a força de vontade aparece nas falas das jovens participantes da pesquisa como a medida para buscar um ideal ou a ferramenta fundamental para um projeto de corpo a ser realizado.

Na discussão que realizamos diferentes tensionamentos coabitam o mesmo fluxo de linguagem. Em um primeiro momento analisamos as dificuldades que as jovens referem nas escolhas dos alimentos – os salgados que nos dias de hoje representam o prazer e a praticidade *versus* as frutas que representam o saudável e a obrigação. Parece-nos que a idéia que vimos apresentando do corpo como um marcador social tem aqui dois movimentos. A escolha pelos alimentos tipo “salgados” é um movimento em termos de acesso às normas de consumo, à velocidade e a um certo *status*, mesmo que represente a contrariedade das propaladas normas da saúde. Com relação às frutas, que perderam ao longo dos anos em nossa sociedade parte de suas significações de prazer, encontra-se no atributo da força de vontade a medida que deve reger sua escolha para enfrentar o problema do corpo ou as limitações que impedem o indivíduo de cumprir as expectativas de sua comunidade e assim se apresentar com um corpo que constitua um marcador eficiente.

Ao falarem de algumas de suas preocupações com o manejo do corpo, as jovens participantes da pesquisa expressaram-se como segue.

Betina – Por exemplo, se eu vou sair amanhã, eu fico ontem e hoje sem comer. Eu fico dois dias sem comer; para, no dia da festa, eu ficar magra. No dia festa, eu consigo; nos outros dias, antes, é que, às vezes, eu não consigo.

Janaína – É que, se tu quiseres botar uma blusinha curtinha, com uma barriguinha... as pessoas não se sentem bem. Eu queria colocar uma blusinha e ficar com a barriguinha de fora, e tem aquela “baita” barriga. E também, se tu vais a uma festa te achando gordinha e vêes alguém bem magra, tu já se sentes inferior.

Betina – Tipo eu, se eu for a uma festa, eu vou colocar um vestido muito colado. Eu não sou gorda, eu sei disso. Então, fica saltado, e o vestido fica estranho. Olhando nas outras pessoas, eu não acho feio, mas olhando em mim, porque eu acho.

Nessas discussões, as jovens conversam sobre como e por que fazem dietas nos dias que antecedem ocasiões significativas, como as festas. Para Betina, ficar dois dias sem comer funciona como um objetivo a ser alcançado, ou seja, poder usar um vestido colado sem que a barriga fique saltada, aparecendo. Algumas jovens referem suas preferências na escolha da dieta. Tal escolha não é colocada em ação cotidianamente, mas somente nos momentos em que acham adequado, o que permite que essa dieta possa ser “radical”, como deixar de comer por um par de dias ou não ingerir nada sólido pelo mesmo período. As ações individuais das jovens congregam ações de um olhar sobre si mesmas e sobre seu corpo, ao examinar as celulites, as estrias e o abdômen proeminente em busca de “defeitos” corporais.

Quando se trata de enunciar o resultado do olhar sobre si mesmas, as jovens assumem um tom resignado por não estarem cumprindo integralmente os imperativos das políticas de promoção da saúde. Em relação aos discursos de promoção da saúde, vê-se que desde muito cedo elas passam a ser responsabilizadas pela ausência ou não de doenças. O resultado mais comum, quando não conseguem alterar suas rotinas “pouco saudáveis”, é a autculpabilização por essas atitudes.

Aqui o corpo jovem feminino é objeto de luta por fechar a boca e torná-lo aceitável e desejável. A aparência do corpo e de partes do corpo, como o abdômen, parece exigir, por parte das jovens, uma dose de sacrifício, autodisciplina, autocontrole e força de vontade. As ações intencionais que as jovens desenvolvem nos dias que antecedem às festas se assemelham a uma moralização das condutas, na medida em que parecem querer refletir que o julgamento dos outros e a autocensura têm que ser respondidos com um domínio da mente sobre o corpo (LUPTON, 2000).

Ocorre que a comida é inseparável do restante das atividades da cultura, e o que comemos está regrado em conformidade com certas práticas e idéias. Um exemplo interessante disso é pensarmos nos tabus alimentares – como as restrições por parte de judeus e muçulmanos – que, de certo modo, ajudam a reforçar a identidade de um grupo, revelando o caráter arbitrário de proibições que correspondem a uma constituição de princípios e crenças de uma determinada sociedade. Nesses casos, os alimentos são negados ou prescritos não por suas propriedades nutricionais, mas pelos valores que carregam.

Do ponto de vista das análises, podemos dizer que as jovens participantes da pesquisa lançam mão de conhecimentos sobre as dietas. No caso, para efetivar a busca pela magreza em ocasiões especiais por meio de práticas corporais objetivadas em uma série de cuidados que vão posicionando e demarcando o corpo. As garotas (mais do que os garotos) são educadas para exibir seu corpo de acordo com a moda, que nesse momento inclui o uso de minibusas, calças e minissaias de cintura baixa, biquínis fio dental, blusas de alças, chinelos e tamancos de plataforma. Esses artifícios podem funcionar como pequenos constrangimentos, quando o corpo não está “adequadamente” preparado para exibir, por exemplo, uma barriga em “forma” ou um bumbum arrebitado: “o modelo de beleza que deve ser alcançado resulta de um esforço, de um autocontrole do corpo, de uma educação cuidadosa, de uma certa predisposição para a tortura, de uma retomada bíblica” (SOARES, 2003, p. 16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos sobre saúde, articulados a uma série de outros discursos, como o publicitário, o estético, o familiar, o educacional e o do senso comum, produziram as condições para que as jovens participantes da pesquisa ocupassem determinadas posições de sujeito nas relações de cuidado que estabelecem com seu corpo. Nesse sentido, pode-se dizer que o que está em jogo, aqui, são estratégias que são utilizadas por personagens diferentes – mãe/irmão/pai, que tratam de naturalizar funções e lugares sociais como sendo específicos de cada gênero. O corpo magro feminino não aparece como resultado de uma arbitrariedade genética ou hereditária, mas como um trabalho sobre si mesma, que pode resultar em beleza, atratividade, disciplina e saúde para as mulheres jovens. É nessa medida que um apetite controlado e vestir-se ou maquiar-se sem excessos se articulam a uma série de mecanismos de automonitoramento e autodisciplinamento.

Nas palavras de Sant’Anna (2001):

Numa cultura que reconhece as pessoas a partir daquilo que elas possuem e daquilo que elas conseguem acessar, ter um corpo e suas “senhas” de acesso, representa uma riqueza invejável. Por isso é preciso ostentar isto que se tem, frisar a posse, para si e para os outros. É preciso acreditar que o corpo que “se tem” é de fato totalmente possuído por seu proprietário, completamente disponível diante de suas vontades e seus sonhos (2001, p. 19).

Assim, o corpo torna-se uma forma de distinção, um modo de classificar, de agrupar, de entender, de incluir ou de excluir. Ele torna-se, enfim, um marcador social, ele não é mais apenas atravessado pela classe, pelo gênero, pela sexualidade, pela etnia, pela geração, mas ele mesmo passa a figurar como um marcador junto com esses outros marcadores.

Para estarmos sintonizados com a “nova ordem social” do corpo projeto (corpo-vontade, corpo-problema) é preciso que todos nós aprendamos sobre as mudanças quanto ao que precisa ser cuidado, quanto ao modo de cuidar e no que se espera ser ao cuidar de si. E é por isso que as formações de identidades e diferenças hoje dependem do corpo como marcador social potente, na medida em que só a correta gestão do potencial de sedução e dos riscos “assegura” que as escolhas que fazemos têm pertinência cultural.

A produtividade das análises dos depoimentos em torno das questões sobre o corpo feminino jovem pode ser percebida nas muitas hesitações que as jovens demonstram nos momentos de fixar determinados modos de ser jovem, na contemporaneidade; estas apontam para o fato de que aquilo que se define como a problemática juvenil incorpora aspectos do momento histórico e representa uma espécie de lente de aumento sobre a crise cultural que caracteriza o mundo contemporâneo. O que é atribuído à jovem – instabilidade, incerteza, mobilidade e transitoriedade – parece assumir conotações da cultura de amplo significado e é nesse sentido que assumimos que a juventude necessita ser teorizada como um campo de contradições e discursos diversos e que a noção de corpo como marcador social pode ser produtiva para compreender o movimento que as jovens participantes da pesquisa realizam em si mesmas. Tais afirmações fazem sentido para nós e por isso argumentamos que é potencialmente interessante e produtivo problematizar produtos e processos culturais como um espaço/meio onde se ensina e se aprende acerca de determinados modos de ser jovem e de viver e se relacionar com o próprio corpo, na atualidade.

The body as social marker: health, beauty and the valorization of bodily care among young women

ABSTRACT: This article is part of a Master's Dissertation which discusses some of the ways in which young women give meaning to, learn and experience care of the body in contemporary society. It is inscribed in the fields of gender studies and the sociology of health, and particularly within the critical strands that are aligned with a Foucaultian post-structuralist perspective. We employ the methodological approach known as discourse analysis to examine discussions with 18 girls between the ages of 13 and 15, students at a public school in the state of Rio Grande do Sul. They were members of focal groups that held meetings over a two month period during 2004. In the analyses resulting from this corpus of research, we have focused on a movement that allows for re-signifying the body as a powerful social marker in contemporary culture and society.

KEY-WORDS: Education and health; culture; body; gender; youth.

El cuerpo como marcador social: salud, belleza y valoración de los cuidados corporales de mujeres jóvenes

RESUMEN: El presente artículo es parte de una disertación de maestría que investiga la manera como las jóvenes mujeres significan, aprenden y viven, en la contemporaneidad, el cuidado con su cuerpo. El análisis se plantea en el campo de los estudios de género y de la sociología de la salud, en las corrientes que proponen un acercamiento crítico a la perspectiva pos-estructuralista de Michel Foucault. Se utiliza el instrumento de análisis del discurso para el examen de narrativas de una muestra de 18 mujeres entre 13 y 15 años de edad, estudiantes de una escuela pública en Rio Grande do Sul – Brazil, que participaron de grupos focales durante dos meses en 2004. En este trabajo, el enfoque son los movimientos que permiten dar un nuevo significado al cuerpo como un poderoso marcador social de los tiempos contemporáneos.

PALABRAS CLAVES: Educación y salud; cultura; cuerpo; género; juventud.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina? *Revista dos Estudos Feministas*, Florianópolis, UFSC, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

BRUMBERG, J. *The body project: an intimate history of american girls*. New York: Random House, 1997.

FRAGA, A. *Evangelho do agito: uma forma de ativar o corpo e regular a vida*. Proposta de tese – UFRGS/Faced, Porto Alegre, 2002.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GOELLNER, S.; NECKEL, J.; LOURO, G. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, G. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: GOELLNER, S.; NECKEL, J.; LOURO, G. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Vozes, 1997.

LUPTON, D. Corpos, prazeres e práticas do eu. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 15-48, jul./dez. 2000.

MEYER, D. Gênero e educação: teoria e política. In: GOELLNER, S.; NECKEL, J.; LOURO, G. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Identidades traduzidas*: cultura teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Sinodal, 2000a.

_____.; SOARES, R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000.

ORTEGA, F. Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão do corpo. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze*: ressonâncias nietzchianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Análise sobre os limites da interferência causal no contexto investigativo sobre o exercício físico e saúde. In: PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. (Orgs.). *Saúde em debate na educação física*. Blumenau: Edibes, 2003.

REGUILLO, R. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Autores Associados, n. 23, maio/ago. 2003.

ROSE, N. Como deve se fazer a história do Eu? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 33-57, jan./jun. 2001.

SANT'ANNA, D. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In:_____. (Org.). *Políticas do corpo*: elementos para a história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. É possível realizar uma história do corpo. In: SOARES, C. *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado*: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, C. *Pro-Posições*, Campinas, Unicamp, v. 14, n. 2, maio/ago. 2003.

Recebido: 3 out. 2005

Aprovado: 24 nov. 2005

Endereço para correspondência

José Geraldo Soares Damico

Rua Prof. Carvalho de Freitas, 1485 casa 106

Bairro Glória

Porto Alegre-RS

CEP 90090-720